

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS BECKER WALTEMAN DE FREITAS

RELATÓRIO FINAL

(Período no qual esteve vinculado ao Programa 07/2018 a 08/2019)

PROGRAMA DE IC:

PIBIC PIBIC Af PIBIC EM PIBITI

MODALIDADE:

CNPq UFPR TN Fundação Araucária Voluntária

**O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA EM
CURITIBA: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NEGRA**

Relatório apresentado à Coordenação de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial da conclusão das atividades de Iniciação Científica ou Iniciação em desenvolvimento tecnológico e Inovação - Edital 2018

Orientador(a): Prof.(a). Elizabeth Amorim de Castro

Título do Projeto: O processo de urbanização e a produção arquitetônica em Curitiba (1853-1953)

CURITIBA

2019

1. RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença da comunidade negra na cidade de Curitiba a partir de seus espaços de representação, especialmente entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. De início, a pesquisa busca entender o que seriam esses espaços de representação através de um embasamento teórico. Tal embasamento acrescenta para a discussão o conceito de espaços de sociabilidade, que por sua vez norteia as abordagens posteriores. Em seguida, como forma de contextualizar os espaços analisados, por meio de pesquisa documental e bibliográfica, na web, em órgãos públicos e em visitas, é traçado um breve panorama histórico sobre a conformação social da população negra curitibana. Nesse cenário, dois espaços se destacam. O primeiro deles, a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito, uma das mais antigas de Curitiba, construída por negros livres e escravos para abrigar as suas atividades religiosas à época da escravidão, quando havia uma segregação oficial dos lugares de culto. Já o segundo consiste na sede da Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio, cuja criação teve como objetivo principal proporcionar e manter o auxílio coletivo entre os afrodescendentes recém libertos do regime escravocrata. Abordadas as histórias dos dois edifícios, foi confirmada a importância desses dois lugares para a trajetória da população afro-curitibana, bem como a sua ligação no passado e atualmente. Ademais, defrontada durante o processo desta pesquisa com a escassez de fontes e trabalhos acadêmicos sobre o tema, entende-se que as discussões aqui realizadas possam contribuir com o debate que envolve a história da população negra na cidade de Curitiba.

2. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar a presença de espaços de sociabilidade da comunidade negra em Curitiba, com enfoque na Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito e no edifício que abriga a Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio, buscando seu significado.

Em países como o Brasil que carregam séculos de mão de obra escrava em seu passado é mais do que destacada a participação dessa população no processo

de construção do estado como um todo. No entanto, em alguns casos, essa atuação acaba por ser distanciada do centro de importantes discussões devido a um longo processo de marginação desta comunidade. Nesse sentido, a cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, assim como o sul do país, foi fortemente marcada por essa exclusão da participação negra em detrimento daquela – de mesma importância – ligada a comunidades de imigrantes europeus. A presente pesquisa, alicerçada em outras com objetivos similares, busca enriquecer o debate étnico cultural trazendo à tona novos aspectos referentes a materialização espacial, arquitetônica e urbanística desenvolvida por populações afrodescendentes no contexto curitibano.

A Igreja do Rosário e o edifício do Clube Treze de Maio possuem uma proeminência histórica de presença da comunidade de origem africana em Curitiba. A primeira pelo fato de ter sido construída pela e para a população negra. Já a Sociedade por ser reflexo espacial de uma segregação étnica e simbolizar parte do processo de mudança da concepção social brasileira iniciado pela abolição da escravidão.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CONCEITUAÇÃO SOBRE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Um dos elementos norteadores da presente pesquisa foi o conceito de espaços de sociabilidade desenvolvido por GUIMARÃES (2008), em distintos recortes temporais e por meio da análise de seus intérpretes. Com este embasamento teórico procurou-se caracterizar os edifícios estudados como espaços de sociabilidade para a comunidade negra de Curitiba, no período compreendido entre 1853 e 1953.

O autor aponta que “o sentimento de prazer que se tem a partir de uma experiência de interação social é a chave para identificar uma situação de sociabilidade” e que “é o prazer do contato, da presença”, que a define (GUIMARÃES, 2008, p.10 e 12). Nesse sentido, compreende-se que o conceito de sociabilidade está muito relacionado à ideia de união e congregação. Mais à frente,

o autor ainda destaca que este prazer está em compartilhar experiências e identificações.

Na sociabilidade, o *outro* não é alguém cuja história de vida, a personalidade, os hábitos me são conhecidos. É simplesmente alguém diferente de mim com o qual, porém, de algum modo, em algum momento, eu me identifico ou, ao menos, posso compartilhar algo: um instante, um olhar, um comentário, um espaço, a cidade, a existência. Em última análise, a sociabilidade é oposta e antídoto ao isolamento, à solidão existencial (GUIMARÃES, 2008, p.12).

No contexto aqui abordado é válido enfatizar a ideia de existência compartilhada. O tema desta pesquisa tem como protagonista a cidade e suas transformações assim como os atores que a modelam em diferentes escalas. Os agentes relacionados aos edifícios aqui estudados – como será melhor detalhado adiante – utilizaram o espaço para a ação de consolidação das ligações entre si. A exemplo disso pode ser citada brevemente, a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito como lugar de culto e reunião da comunidade afrodescendente curitibana. Servir como ponto de encontro, de conexão, de partilha, é uma das atribuições dadas por Guimarães para um espaço ser considerado de sociabilidade.

Outra questão apontada no texto Guimarães sobre as confrarias romanas auxilia na associação entre a comunidade e os edifícios aqui estudados: “[...] as confrarias ‘temáticas’ só reforçam: há na sociabilidade um gosto pelo convívio com seu semelhante - e quanto mais compartilhável for a experiência melhor” (GUIMARÃES, 2008, p.78).

O que mais uma vez se mostra evidente é a importância das relações de semelhança estabelecidas entre os indivíduos frequentadores de espaços de sociabilidade com abordagens específicas. Apesar da eventual presença de pessoas não afrodescendentes – brancos de menor condição econômica no templo e operários de outras etnias na sede, por exemplo – na Igreja do Rosário e na sede da Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio, a maioria dos seus usuários tinha como característica a conexão com questões referentes a cultura e a etnia de ascendência africana. A Igreja foi construída para servir de templo católico aos

escravos já que estes últimos não poderiam frequentar o mesmo lugar de culto da parcela branca da população, e o clube, formado dentro do movimento abolicionista e operário, da mesma forma foi marcado pela presença majoritária de negros, como referido nas listagens dos primeiros associados.

Guimarães também destaca, dentro do conjunto de espaços de sociabilidade, as guildas da Baixa Idade Média, possíveis herdeiras das confrarias romanas. “A forte semelhança é, de fato, inegável. Estão novamente presentes: sociabilidade, religiosidade e associação profissional [...]”(GUIMARÃES, 2008, p.117).

A Igreja é predominantemente associada à religiosidade e como consequência da reunião de pessoas e do convívio entre os usuários pode ser colocada como espaço de sociabilidade. Da mesma forma, a Sociedade Treze de Maio, além de ser um local de convívio, teve como um de seus propósitos iniciais o apoio mútuo entre trabalhadores mesma condição racial.

O que se pode inferir dessa aproximação é que os edifícios aqui observados podem ser colocados como espaços de sociabilidade negra no recorte histórico da cidade de Curitiba. Seja pelos conceitos de convívio, religiosidade, associação profissional ou de reunião, tanto a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito como o Clube Treze de Maio caracterizam-se por servirem de suporte para as relações de socialização da comunidade afro-curitibana entre o final do século XIX e o início do XX.

3.2 A PRESENÇA NEGRA EM CURITIBA

Para uma maior apreensão do conteúdo aqui abordado faz-se necessário traçar um panorama referente à presença negra em Curitiba, relacionada ao processo de escravização de populações africanas traficadas para o Brasil entre os séculos XVI e XIX.

No cenário paranaense até meados do século XVII, a maior parte da mão de obra escrava era constituída por comunidades indígenas como a tupi e a caingangue. Segundo Cunha (2012), a partir de 1648 passam a ser trazidos para o atual território do Paraná, africanos na condição de escravos no contexto de

fundação da cidade de Paranaguá, localizada no litoral. Esses grupos seguiram para o interior atravessando a serra do mar e chegando no primeiro planalto curitibano. Essa movimentação no sentido oeste relacionou-se, no período destacado, com a busca de metais preciosos como o ouro (CUNHA, 2012).

Além do desembarque nos portos de Paranaguá e Antonina, outras rotas de circulação eram utilizadas pelos colonos e comerciantes de escravos. Muitos partiam do Rio de Janeiro e seguiam para o sul tendo como destino comunidades já assentadas (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006, p. 56). A exemplo dessas localidades, está a região leste do Paraná e as cidades a ela pertencentes como Ponta Grossa, Castro e Curitiba. As atividades atribuídas aos africanos e afrodescendentes escravos aqui fixados não se diferenciavam daquelas executadas no restante da colônia e do Império.

A realidade passa a se transformar a partir do século XIX com a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, especialmente para a região sul. Essa dinâmica migratória, associada à abolição da escravatura em 1888, culminou numa série de mudanças no tecido social brasileiro como um todo. É sabido o processo pretendido à época de embranquecimento da população brasileira baseado nos preceitos da supremacia racial. Dentro desse contexto, Cunha (2012) pontua:

A incorporação da cultura do branco pode ser assim entendida de acordo com a observação feita por SILVA (2003) de que o negro teria sido estilhaçado pela escravidão tanto quanto pela pseudoliberalidade e igualdade que conquistou posteriormente. (...) Negros e mulatos se viram condenados a ser o outro, ou seja, uma réplica sem grandeza dos “brancos de segunda classe (FERNANDES, 1989, p.46). (CUNHA, 2012, p.33)

O trecho acima explicita de forma direta as novas conformações defrontadas no período pelas populações de ascendência africana e dessa forma denota o perfil excludente da nova conjuntura social brasileira após a abolição. Somado ao processo acima descrito, tem-se o Movimento Paranista como fundamental para a formação da imagem identitária do povo paranaense. Carvalho (2016, p. 101) assinala que, na primeira metade do século XX, o ideário

desenvolvido por este movimento na busca por uma cultura e tradição locais em uma realidade simbólica de harmonia entre os grupos étnicos aqui encontrados, propiciou a invisibilidade da comunidade negra no Estado como um todo e principalmente na capital.

Simultaneamente a essa concepção de cidade majoritariamente com feições sociais europeias podem ser destacados aspectos, símbolos, materiais e lugares com significado para a comunidade negra, como os dois edifícios focalizados (CARVALHO, 2016, p. 152-156). Tanto a sede do Clube 13 de Maio, como a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito abrigam até hoje ações fortalecedoras da comunidade negra como visto na Figura 1, que retrata um ritual religioso de matriz africana em frente ao templo católico.

FIGURA 1 - LAVAÇÃO DAS ESCADARIAS DA IGREJA DO ROSÁRIO



FONTE: CARVALHO, 2016.

É válido também ser colocado na presente discussão dados que auxiliam numa maior compreensão sobre o tema do ponto de vista quantitativo. De acordo com o censo demográfico do IBGE (2010), o Paraná conta com 10.444.526 habitantes e sua capital 1.751.907. No panorama estadual os indivíduos que se consideram pretos somam 7% da população e os que autodeclaram pardos 55,4%. Em Curitiba, os pretos agregam 2,8% dos habitantes e os pardos 16,7%. A partir dos dados acima pode-se inferir que 62,4% da população paranaense e 19,5% da curitibana provavelmente possuem ascendência negra.

Por meio dessa breve contextualização é possível apreender mais sobre a importância de ambos os edifícios estudados nesta pesquisa. Essa significância é dada tanto do ponto de vista social quanto pelo histórico, compreendidos os aspectos de representatividade englobados pelas construções. O próximo tópico visa explorar as condições socioespaciais das obras aqui destacadas.

3.3 A IGREJA DO ROSÁRIO E O CLUBE TREZE DE MAIO COMO ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Durante o processo de pesquisa reforçou-se a necessidade de se destacar a relação entre a atuação afrodescendente em Curitiba e seus espaços de sociabilidade consolidados historicamente: a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito e a Sociedade Treze de Maio. Ambos localizados na região central da capital, são também marcados pela proximidade física entre si e por estarem inseridos na porção histórica da cidade, como pode ser observado na imagem aérea da Figura 2.

FIGURA 2 - LOCALIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS. COM MARCAÇÃO EM AMARELO, DA DIREITA PARA A ESQUERDA: PRAÇA TIRADENTES, IGREJA DO ROSÁRIO E CLUBE TREZE DE MAIO



FONTE: GOOGLE, 2019. Adaptado pelo autor.

Localizada na rua Trajano Reis - 14, bairro do São Francisco, a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito é um dos primeiros edifícios da cidade a carregar a temática da representação do segmento étnico-cultural aqui abordado. Essa representatividade e o suporte como espaço de sociabilidade tornam-se evidentes quando analisada a história da edificação. Construída por volta da

primeira metade do século XVIII, a Igreja do Rosário abrigava as funções religiosas dos escravos que viviam na região (FEDALTO, 1958).

Segundo reportagem de Juliana Vines, na Gazeta do Povo (2008), também vale ser ressaltada a utilização do espaço do templo para reuniões de irmandades como a de Nossa Senhora do Rosário. De acordo com Cid Destefani, também em reportagem a Gazeta do Povo (1981), uma das evidências mais antigas da irmandade anteriormente citada remete a década de 1720, mais especificamente 1727, quando o grupo tinha como tesoureiro o capitão Diogo da Costa Rosa. Essas entidades, aceitavam como membros negros escravizados e livres e atuavam como apoio social à essa parcela da população. Ainda sobre as irmandades, em entrevista à Gazeta do Povo (Vines, 2008), o professor Carlos Medeiros de Lima do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná afirma que “Durante parte do século XVIII, a maioria dos integrantes era de escravos. Para fazer parte da irmandade era preciso pagar uma jóia e anuidade. Muitas vezes, os próprios senhores é que pagavam a jóia e até faziam parte da irmandade para ganhar popularidade”.

A data de finalização da construção da Igreja é imprecisa e associa-se ao momento em que passaram a ocorrer os sepultamentos dos membros das irmandades - como a de Nossa Senhora do Rosário - em seu interior. A respeito desses sepultamentos, “Entre 1790 e 1820, enterravam-se dentro da capela em torno de 15 pessoas por ano. Desse total, cinco ou seis eram escravos”. Dentre estes sepultamentos um dos registros mais antigos é o do enterro de uma mulher chamada Isabel Gonçalves, referida como esposa de Manoel Antônio, em 1785 (DESTEFANI, 1981).

Desses primeiros anos, a partir dos dados levantados, vale ser denotada a presença do edifício na vida da comunidade afro-curitibana como elemento de suporte religioso, por servir de templo, e especialmente como base para os mecanismos de apoio social, a exemplo da irmandade anteriormente citada.

Um episódio importante no decorrer da história desta construção envolve os

anos de 1875 a 1880, quando a Igreja do Rosário passou a servir de matriz provisória devido a necessidade de reforma da Catedral Basílica de Curitiba. O ato incluiu a transferência da imagem de Nossa Senhora da Luz e de outras alfaias para o local antes frequentado predominantemente por escravos. Mesmo após a realocação da matriz para a Igreja da Ordem - que também havia passado por uma requalificação no mesmo período - a Igreja do Rosário (Figura 3) continuou prestando apoio essencial servindo como depósito para parte do acervo patrimonial da catedral até a finalização desta, em 1893 (FEDALTO, 1958).

FIGURA 3 - PRIMEIRA EDIFICAÇÃO DA IGREJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE SÃO BENEDITO EM 1900



FONTE: GAZETA DO POVO, 2013

Após a abolição da escravatura em 1888, a Igreja deixou de atender oficialmente de modo específico a população negra. Nesse sentido, a Igreja é renomeada popularmente como Igreja dos Defuntos, já que a construção localizava-se no caminho que ligava o centro da cidade ao cemitério pela então Rua América, hoje Rua Trajano Reis (FEDALTO, 1958). Ali eram realizadas as encomendas dos corpos em cortejo. Esse fato aponta para a constante importância da edificação no que se refere ao conceito a ela atribuído de espaço de sociabilidade, assinalada a reunião de pessoas, como visto na Figura 4.

FIGURA 4 - IGREJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE SÃO BENEDITO DURANTE FESTIVIDADE,
SEM DATA



FONTE: CASA DA MEMÓRIA, 2018.

No entanto, nesse segundo momento o que pode ser observado é a transição que passa a se dar quanto aos grupos usuários do espaço da igreja. Os negros antes oficialmente ligados ao edifício, com a nova conformação social do país advinda da abolição da escravatura, passam a compartilhar o local com outras comunidades. A exemplo disso pode ser citada a presença expressiva de colonos poloneses no cotidiano da igreja entre os anos de 1904 e 1909 (FEDALTO, 1958). Estas novas participações interferiram no perfil do local, antes isolado do ponto de vista étnico-social - por ser o espaço de culto exclusivo da população negra. Sabe-se da segregação que originou essa espécie de exclusividade, contudo, o espaço da igreja, a exemplo das irmandades, passou a servir como base social para a comunidade afrodescendente.

Entre os anos de 1931 e 1946 o edifício foi demolido e reconstruído por iniciativa do Monsenhor Celso Itiberê em virtude de seu mau estado de conservação, tendo como resultado os aspectos arquitetônicos hoje existentes, visíveis na Figura 5. Cinco anos após o término da reconstrução, em 1949, os cuidados da Igreja do Rosário passaram a ser confiados aos jesuítas e assim permanecem até os dias atuais (FEDALTO, 1958).

FIGURA 5 - IGREJA DO ROSÁRIO DE CURITIBA NA ATUALIDADE



FONTE: ARQUIDIOCESE DE CURITIBA, 2016.

Diante do apresentado pode-se observar que foi esta uma obra arquitetônica com uma presença e atuação significativa no tecido urbano da cidade, seja como espaço oficial da comunidade negra em um primeiro momento, seja como mais um local de culto no meio urbano. Ainda nos dias atuais, cerimônias ligadas a culturas de matriz africana ocorrem no espaço da Igreja, especialmente em dias festivos.

O mais significativo exemplo das comemorações desta natureza é a Festa do Rosário, costumeiramente ocorrida entre os dias 15 e 18 de novembro. Adegmar Silva, assessor da Prefeitura Municipal de Curitiba para Promoção da Igualdade Racial (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2018), ressalta a importância da festa como celebração das raízes africanas presentes em Curitiba. Além da feira de artesanato e das apresentações artísticas, a festividade tem como ponto alto a lavação das escadarias da Igreja do Rosário com flores e perfumes, seguida de uma procissão até a Praça Tiradentes, onde estão localizadas, segundo o ideário representativo de alguns grupos de matriz africana, as gameleiras sagradas - árvores ali situadas e com significado religioso.

Ainda segundo a Prefeitura (2018), a festa se inspirou na lavação das escadarias da Igreja do Bonfim, em Salvador, e é fruto de uma parceria entre a Assessoria de Políticas de Igualdade Racial da capital e a Fundação Cultural de

Curitiba. Dentre os apoiadores da sociedade civil pode ser citada a cooperação de grupos como o Centro Cultural Humaitá - Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afrobrasileira, bem como da própria Igreja do Rosário e da Arquidiocese de Curitiba. Da mesma forma participam membros da comunidade católica e de diversos terreiros, ilês, tendas, roças de umbanda e candomblé, como pode ser visto nas Figuras 6 e 7.

FIGURA 6 - CERIMÔNIA NO INTERIOR DA IGREJA DURANTE A FESTA DO ROSÁRIO



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2018.

FIGURA 7 - CERIMÔNIA EM FRENTE A IGREJA DURANTE A FESTA DO ROSÁRIO



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2018.

Somado a essa edificação, compartilhando o status de suporte para a sociabilidade da comunidade afro-curitibana, levanta-se um segundo edifício da capital: a sede da Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio (Figura 8).

FIGURA 8 - FACHADA ATUAL DA SEDE DO CLUBE TREZE DE MAIO EM CURITIBA



FONTE: GAZETA DO POVO, 2019.

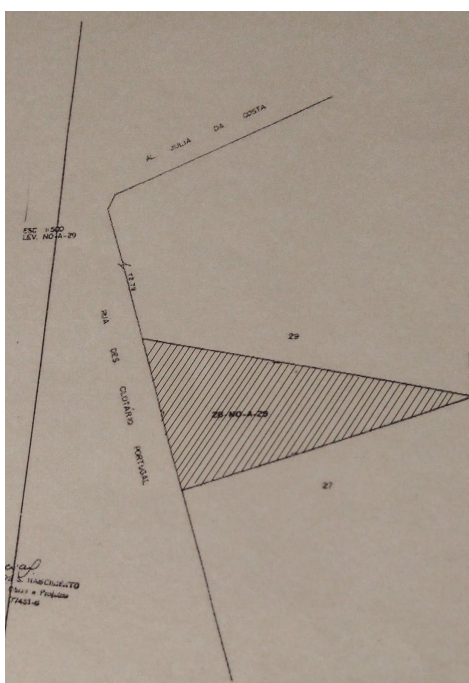
No território paranaense estão mapeados pelo IPHAN (2014) seis clubes negros. Estas entidades, surgiram como formas de congregação da comunidade negra no período entre a abolição da escravatura em 1888 e a metade do século XX. Em Curitiba, caracterizado como agremiação da comunidade negra da cidade está o Clube Treze de Maio, relacionado à Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio.

Segundo levantamento do IPHAN (2014), a sociedade nasceu em 6 de junho de 1888 - 7 dias antes de ser decretada a Lei Áurea - por meio da ação de escravos recém libertos que objetivavam a criação de um grupo agregador e prestador de apoio médico-hospitalar e educativo à essa parcela da população em nova condição social. Inicialmente, as reuniões que constituíram o primeiro corpo de sócios (formado por 59 membros) eram realizadas nas residências dos associados de modo que ainda não havia um lugar que servisse como sede para o grupo e se caracteriza-se como seu espaço oficial (IPPUC, 2000).

Foi durante essas reuniões que importantes decisões foram tomadas, como

por exemplo a renomeação da entidade para “Clube 13 de Maio”, no ano de 1892. Nos seus primeiros oito anos de existência, a sociedade paulatinamente instalou sua sede edificada em um lote hoje localizado na Rua Des. Clotário Portugal, 274, sendo que, em 1896, a prefeitura municipal efetuou a doação do terreno para a entidade (Figura 9), ação que impulsionou o processo de consolidação do clube enquanto instituição e enquanto espaço físico (IPPUC, 2000).

FIGURA 9 - PLANTA DO TERRENO DOADO À SOCIEDADE PELA PREFEITURA

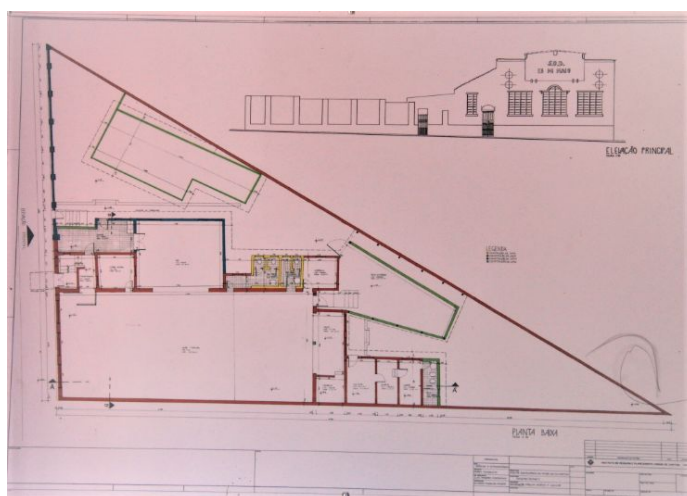


FONTE: CASA DA MEMÓRIA, 2018.

De acordo com o mesmo levantamento (IPPUC, 2000), a partir da década de 1930 a sociedade assumiu um caráter mais público através da promoção de bailes dominicais e saraus. Antes disso, de acordo com Thiago Hoshino (IPHAN, 2014), o clube era frequentado por uma elite negra e por operários, sendo destacada a predominância de associados em detrimento de indivíduos não relacionados ao núcleo da sociedade. Esse novo momento exigiu acomodações mais adequadas ao novo contingente de pessoas que passaram a frequentar o lugar. Tal conjuntura culminou na primeira reforma do espaço realizada no ano de 1946 que consistiu na agregação de sanitários ao corpo do edifício já existente. Em 1954, consta na documentação da prefeitura a aprovação para a construção de um novo

salão de baile no lugar do antigo feito em estrutura de madeira. E nas décadas seguintes, especificamente nos anos de 1974 e 1996, outras duas reformas realizadas provocaram mudanças expressivas na forma original e resultaram no edifício atual (IPPUC, 2000). Essas intervenções no espaço construído da sede do clube podem ser observadas na Figura 10.

FIGURA 10 - PLANTA E ELEVAÇÃO DA SEDE DO CLUBE TREZE DE MAIO



FONTE: IPHAN, 2014.

Diferentemente da Igreja do Rosário, que mantém sua relação com a comunidade afrocuritibana de modo esporádico durante festividades, o Clube Treze de Maio até os dias atuais é gerido e frequentado por grupos, em sua maioria, ligados à cultura negra. Em entrevista concedida ao autor em abril de 2019, Álvaro da SILVA (2019) relata que frequenta o clube desde 1953 e atua como presidente desde 1996, sendo o quarto a ocupar o cargo desde a fundação. Seu pai também foi presidente da entidade. Segundo SILVA (2019), inicialmente o clube o espaço era frequentado exclusivamente por negros e que com o passar dos anos passou por um processo de abertura que culminou na utilização do lugar como casa de eventos. Esses eventos, realizados no salão principal do edifício (Figura 11), são importantes fontes de renda, contribuindo para a sua manutenção.

FIGURA 11 - SALÃO DE FESTAS DO CLUBE TREZE DE MAIO



. FONTE: IPHAN, 2014.

Segundo o presidente, um fato que destaca a importância do clube são as missas na Igreja do Rosário que homenageiam seus antigos associados (SILVA, 2019). Da mesma forma, reforça a relação entre a Igreja e o Clube e a caracterização dos dois edifícios como espaços ligados a comunidade negra em Curitiba.

Da mesma forma, denotando o peso simbólico do clube para a comunidade afrodescendente atualmente, o documentário “Sob a estrela de Salomão” (2012), produzido pela Fundação Cultural de Curitiba, carrega uma série de depoimentos de membros e pessoas ligadas ao clube. Mesmo diante de crises financeiras, a Sociedade Beneficente Treze de Maio por meio de festas e eventos internos e externos a história do clube (Figura 12), busca manter a antiga relação entre a comunidade afrocuritibana e o espaço por ela eleito (SILVA, 2019).

FIGURA 12 - EVENTO NAS DEPENDÊNCIAS DO CLUBE TREZE DE MAIO



FONTE: UM BAILE BOM, 2019.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Na primeira etapa, a pesquisa buscou a formação de um embasamento teórico sobre o conceito de espaços de sociabilidade a fim de fundamentar o trabalho como um todo, assumindo como norte a tese *A sociabilidade e seus espaços: um estudo histórico a partir de seus intérpretes* (GUIMARÃES, 2008). Em seguida, objetivando a necessária contextualização da comunidade negra no cenário curitibano, foram levantadas informações em fontes web e bibliográficas que alimentaram um breve panorama a respeito da constituição social dos afrodescentes no decorrer da história da capital. Por fim, os dois edifícios que conformam o núcleo da pesquisa, a Igreja do Rosário e a sede do Clube Treze de Maio, são caracterizados e analisados quanto a suas trajetórias. Esse processo também se dá por meio de informações extraídas de jornais, de acervos institucionais como o do IPPUC e do IPHAN, entrevista e permite a identificação desses espaços como de sociabilidade para a comunidade negra do ponto de vista prático.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que pode ser afirmado de início é a importância desses dois edifícios para

a história de Curitiba por espacializarem a trajetória de um de seus grupos formadores. O breve delineamento da participação negra na formação da cidade, nos permite compreender o significado patrimonial que esses lugares carregam.

Ao mesmo tempo, entende-se que foi possível a caracterização das duas construções como espaços de sociabilidade. Grande parte dos aspectos e circunstâncias defendidos no primeiro tópico deste trabalho podem ser observados no contexto tanto da Igreja do Rosário como do Clube Treze de Maio. Numa análise geral, a comunidade negra consolidou nesses lugares a confraternização e o compartilhamento de identidades e experiências. Essa qualidade, encontrada até os dias atuais, mostra-se vital à ideia de coletividade para grupos dessa natureza.

Em um olhar mais prático pode-se situar a Igreja, nos anos anteriores a fundação da sociedade, como base de apoio essencial à essa população. Em contraponto, apesar das cerimônias esporádicas no templo que relacionam a comunidade e o edifício, tem-se hoje o Clube como principal local de congregação para o grupo afrodescendente de Curitiba.

Além dessas constatações qualitativas, o conteúdo aqui desenvolvido também propicia futuras discussões mais aprofundadas sobre a relação desempenhada entre os dois edifícios durante suas trajetórias. Aqui buscou-se um estudo das relações que envolvem a Igreja e o Clube do ponto de vista social, focalizadas na comunidade negra. Religiosidade, identidade e assistência mútua são faces dessas conexões estabelecidas. Também passível de aprofundamento são as circunstâncias dessas conexões e seus reflexos na significação de cada espaço.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do caráter inicial deste trabalho, o que se sobressai é a riqueza de um tema como este. Durante a pesquisa foi denotada uma dificuldade significativa de se encontrar informações referenciadas sobre o assunto, especialmente a respeito dos edifícios estudados. Nesse sentido, o aprofundamento, sempre

possível, aqui se mostra necessário e fomentador de mais debates sobre a temática.

Identidade e pertencimento podem ser entendidos como conceitos vitais a manutenção da memória. O presente trabalho buscou explorar essas subjetividades investigando suas expressões - particulares ao contexto da comunidade negra de Curitiba - no espaço construído e dessa forma confirmar as relações a muito tempo existentes entre os indivíduos e o lugares. Espera-se que estudos como esse possam enriquecer as reflexões sobre a vivência afrocuritibana na história e no presente, reconhecido o papel protagonista tanto da Igreja do Rosário como do Clube Treze de Maio.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE , Wlamyra R. de ; FILHO , Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: [s. n.], 2006. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. **Igreja do Rosário - Santuário das Almas**. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://arquidiocesedecuritiba.org.br/paroquias/igreja-do-rosario-santuاريو-das-almas/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério de. **O silêncio sobre o negro na construção da identidade de Curitiba: memória e esquecimento**. 2016. Tese (Doutorado em letras) - Setor de Ciências Humanas - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/44171>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CUNHA, Antônio Domingues Araújo. Peculiaridades históricas e jurídicas sobre os antecedentes e perspectivas da escravidão negra nos arredores da capital do Estado do Paraná (RMC*) - BR. **E-metropolis**, [S. l.], 2012. Disponível em:

http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/011/original/emetropolis_n11.pdf?1447896330. Acesso em: 30 jun. 2019.

DESTEFANI, Cid. A igreja dos defuntos. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 nov. 1981

DESTEFANI, Cid. Imagens perdidas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 ago. 2013. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/imagens-perdidas-bjk2x0rnxfam9ugxgihmt4aj2/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FEDALTO, Pedro Antônio Marchetti,. **A arquidiocese de Curitiba na sua história**. Curitiba, PR:[s.n.], 1958

GUIA - GAZETA DO POVO. Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://guia.gazetadopovo.com.br/estabelecimentos/sociedade-treze-de-maio/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

GUIMARÃES, Lucas Domingues. **A sociabilidade e seus espaços: um estudo histórico a partir de seus intérpretes**. 2008. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

IPHAN. **Clubes sociais negros no Paraná** [CD-ROOM]. Curitiba; 2018.

IPPUC. **Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio**. Curitiba: [s. n.], 2000

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Festa do Rosário leva o axé do povo negro ao Centro Histórico da cidade**. Curitiba, 12 nov. 2018. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/festa-do-rosario-leva-o-axe-do-povo-negro-a-o-centro-historico-da-cidade/48260>. Acesso em: 25 jul. 2019

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Lavação das Escadarias da Igreja do Rosário celebra a consciência negra**. Curitiba, 18 nov. 2018. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/lavacao-das-escadarias-da-igreja-do-rosario-celebra-a-consciencia-negra/48317> Acesso em: 25 jul. 2019

SILVA, Álvaro da. Entrevista concedida a Matheus Becker Walteman de Freitas. Curitiba, 30 abr. 2019.

SOB a estrela de Salomão. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wzKQY9Tr_Gs. Acesso em: Out. 2018.

UM BAILE BOM. **Um baile Bom**. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://umbailebom.wordpress.com/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

VINES, Juliana. Herança dos tempos da escravidão. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/heranca-dos-tempos-da-escravidao-b4xcot2c0uvo7ngp1obhiuz4e/>. Acesso em: 18 mar. 2019.